



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA
SUSANE GOMES DOS SANTOS

**GÊNERO E EDUCAÇÃO: A maternidade na graduação de
licenciatura em ciências humanas/Sociologia na Universidade
Federal do Maranhão.**

IMPERATRIZ-MA
2023

SUSANE GOMES DOS SANTOS

**GÊNERO E EDUCAÇÃO: A maternidade na graduação de
licenciatura em ciências humanas/Sociologia na Universidade
Federal do Maranhão.**

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, como exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, com orientação da Prof^a. Dr. Vanda Pantoja.

IMPERATRIZ-MA
2023

SUSANE GOMES DOS SANTOS

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, como exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia.

Aprovado em: 05/09/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Vanda Pantoja

(Orientadora – LCH/UFMA)

Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa

(Examinador – LCH/UFMA)

Profa. Dra. Maynara Costa de Oliveira Silva

(Examinador - LCH/UFMA)

IMPERATRIZ-MA
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos, Susane.

GÊNERO E EDUCAÇÃO: A maternidade na graduação de licenciatura em ciências humanas/Sociologia na Universidade Federal do Maranhão / Susane Santos. - 2023. 28 p.

Orientador(a): Vanda Pantoja.
Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2023.

1. Cuidado. 2. Maternidade. 3. Mulheres. I. Pantoja, Vanda. II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Djares Sammique e Tânia Maria principais incentivadores, aos meus irmãos Susy Soares e Djares Filho por cada gesto de carinho e ajuda, ao meu companheiro Alfredh Sena por todo apoio prestado e em especial para minha filha, Ágatha Sena, minha companheirinha, minha maior inspiração e motivação. Agradeço a todos, obrigado por estarem comigo nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vitória de ter chegado até aqui, por preparar tudo e me dar forças para continuar.

A minha mãe, Tânia Maria Gomes da Silva dos Santos por ser minha rede de apoio, meu sustento e amparo, você tem toda minha admiração.

A Universidade, o corpo docente e em especial minha orientadora Prof.^a Dra. Vanda Pantoja pela paciência e instrução. A todas as mulheres que contribuíram com seu relato para a elaboração desse trabalho.

Aos meus colegas e amigos de turma que fizeram parte dessa caminhada dentro e fora da UFMA. A todos que tiveram sua participação direta ou indireta na minha formação, meu muito obrigada.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.	9.
2. GÊNERO E MATERNIDADE.	12.
3. COMO SER MÃE E ESTUDANTE NO PERCURSO DE FORMAÇÃO.....	14.
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	24.
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	26.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar o processo do “ser mãe” durante o processo de formação inicial das discentes do curso de Licenciatura de Ciências Humanas/Sociologia, da UFMA – Universidade Federal do Maranhão, do Campus Centro, em Imperatriz -MA. A questão central é falar sobre os desafios de ter que conciliar a formação acadêmica e a maternidade. Para isso essa análise foi dividida em duas partes, a primeira foi a análise e referência do artigo de Silvia Maria Bitencourt (PPGS/UFMT), Maternidade e Universidade: Desafios para a Construção de uma Igualdade de Gênero. A segunda se deu por meio dos relatos das interlocutoras contando suas experiências com a formação profissional e a maternidade. A metodologia usada foi a pesquisa exploratória levantamento bibliográfico e entrevistas abertas com estudantes que se tornaram mães durante a graduação. O resultado aponta que a vivência acadêmica depois que se torna mãe é mais difícil, ser mãe estudante faz da rotina das mulheres mais cansativas porque precisam conciliar muitos afazeres, nem sempre elas podem contar com uma rede de apoio e que, a maternidade por si só já é bastante trabalhosa, precisa se dividir para todas as atividades que são atribuídas a elas.

Palavra-chave: Maternidade. Cuidado. Mulheres.

ABSTRACT

This article aims to analyze the process of “being a mother” during the initial training process of students on the Human Sciences/Sociology Degree course, at the Federal University of Maranhão (UFMA), at Campus Centro, in Imperatriz -MA. The central issue is to talk about the challenges of having to conciliate academic training and motherhood. For this purpose, this analysis was divided into two parts, the first was the analysis and reference of the article by Silvia Maria Bitencourt (PPGS/UFMT), Maternity and University: Challenges for the Construction of Gender Equality. The second part was made through reports of the interlocutors telling their experiences with professional training and motherhood. The methodology used was exploratory research,

bibliographical research and open interviews with students who became mothers during their undergraduate studies. The result presents that the academic experience after becoming a mother is more difficult, being a student mother makes the routine of the women more tiring because they need to conciliate many tasks, they cannot always count on a support network and motherhood in itself is already quite laborious, it needs to be divided for all the activities that are assigned to them.

Keyword: Maternity. Careful. Women.

1.INTRODUÇÃO

Por muito tempo, o acesso à educação fora reservado estritamente aos homens. Somente no final do século XIX as primeiras escolas de ensino feminino surgiram, sendo estas destinadas ao ensino do magistério. Ainda assim, poucas mulheres ingressavam nessas instituições e, as que ingressavam, pertenciam às classes mais abastadas, eram estas mulheres brancas pertencentes às elites (Beltrão e Alves, 2009). As mulheres só acessaram o ensino superior em 1879 através de um decreto de lei que permitia elas acessarem o ensino superior, lei nº 7.247/1879, (as candidatas solteiras precisavam apresentar licença de seus pais, e as casadas era obrigada a ter o consentimento por escritos de seu marido). Por muito tempo tinham seu acesso restrito ou não tinham acesso aos espaços acadêmicos, sendo assim, universidade desde sua origem é um espaço pensado para os homens, portanto, um lugar machista e patriarcal.

Sou graduanda do curso de licenciatura em ciências Humanas/Sociologia, na UFMA, em Imperatriz-Ma. Para estudar me desloquei da cidade de Marabá-Pa, entrei no curso em 2018.2. No 6º período no ano de 2021 eu engravidei e desde então, venho enfrentando diversos desafios para estudar, conciliar a papel de mãe, me manter no curso e concluir a graduação.

Tive uma gravidez difícil, a qual não foi planejada, não estava em um relacionamento estável e morava com meus pais, visto que, com a pandemia e falta de recursos financeiros tive que entregar o apartamento que morava em Imperatriz e voltar pra casa dos meus pais em Marabá e estudar de forma remota. De início a aceitação foi o mais difícil, depois o medo da mudança na rotina, a dificuldade de conciliar papéis, das grandes responsabilidades, ser mãe de primeira viagem, de estar despreparada pra ter um filho me fazia sentir muito medo de tudo.

Durante a gestação não consegui acompanhar todas as disciplinas, a gravidez era de alto risco, sentia muitas dores e muitos enjoos, tive ameaça de aborto e com tudo isso acontecendo decidi deixar a universidade um pouco de lado e cuidar da minha saúde e da minha bebê, meu rendimento caiu e reprovei em 3 disciplinas, eu me esforçava porque entrar na faculdade, formar, ter uma diploma era uma realização

peçoal pra mim e também tinha a pressão da minha família pra não abandonar o curso, inclusive tive muito apoio dos meus pais, os quais sempre foram minha rede de apoio. Tive um parto cesárea, sentia muitas dores e com isso uma recuperação lenta. Durante o período de resguardo tirei a licença maternidade de 3 meses, era tudo novo e estava tentando me adaptar à nova rotina.

Meu companheiro continuo com a mesma rotina de trabalhar, estudar, jogar bola... enquanto eu por ser mãe fui privada de muitas coisas e até criticada quando fazia tais questionamentos sobre divisão de tarefas.

Depois da pandemia, a Universidade voltou de forma presencial, minha filha só tinha 7 meses, tive muitas dúvidas se voltaria para Imperatriz, pensava quem iria cuidar dela pra eu estudar, ela era muito pequena ainda mamava leite materno, tinha a questão financeira pra arcar com aluguel de apartamento, alimentação, despesas básicas e etc. Meus pais me incentivaram a voltar tive apoio financeiro do meu companheiro e aí decidi voltar, minha mãe se dispôs a ir comigo pra cuidar da bebê pra estudar. Me matriculei em cinco disciplinas e em três estágios, de manhã ia pra uma escola, a tarde em outra pra fazer os estágios e a noite ia pra UFMA, buscava melhores formas de estudar e cuidar da bebê, por exemplo, no estágio pela manhã saia no intervalo pra ir em casa para dar mamar pra ela, a tarde fazia da mesma forma, ia em casa dava mamar e voltava pra escola de novo e quando chegava tomava banho e ia pra UFMA, ela sempre me esperava pra mamar aí ia cuidar dela, dar uma atenção, dar banho e depois botar pra dormir, muitas vezes eu só comia e tomava banho quando ela já estava dormindo e estudava também só depois que ela dormia. Segui nessa rotina até concluir o semestre consegui a aprovação nas disciplinas e fazer os estágios, porém foi dias difíceis, aliás, os dias mais difíceis, pressão pra concluir o que fora determinado naquele semestre, pressão pra cumprir prazos da Universidade; me sentia triste e as vezes incapaz, sentia culpa por fazer minha mãe sair da casa em outra cidade pra cuidar da minha filha, colocar ela e minha bebê em situações precárias porque não tínhamos nem geladeira, mas, já que estava lá dei meu máximo pra conseguir. Diante de tudo isso enfrentado por mim, senti a necessidade de falar sobre esse tema.

É injusto que a maternidade prejudique tanto as mulheres em seus sonhos, nos seus trabalhos, nas suas rotinas enquanto o homem continua com seu dia a dia normal e em alguns casos ignoram sua paternidade, a mulher depois que se torna mãe é

limitada a todo tempo, isso porque fomos ensinadas que filho é da mãe, desde a infância somos destinadas a cuidar das coisas e das pessoas, seja dos irmãos mais novos, do zelar da casa, cresci em um lar machista e patriarcal e desde muito cedo eu e minha irmã éramos ensinadas a limpar, cozinhar... enquanto meu irmão por ser homem não tinha o mesmo exemplo, pra ele o discurso era de casar com uma mulher que tinha que saber cozinhar, lavar e passar para cuidar dele.

As mulheres que precisam estudar e cuidar dos filhos acabam sendo exemplo daquilo que Bell Hooks (p. 467), chamou de *tempo roubado* ao se referir a necessidade que as mulheres pretas, educadas para o trabalho do cuidado e não para a formação intelectual, precisam fazer para ler e escrever.

Discutir sobre o tema da maternidade e formação inicial no contexto da universidade traz à tona questões relacionadas à representação do gênero feminino no contexto da educação superior. Homens e mulheres frequentam esse espaço, mas a mulher acaba por vivenciar mais implicações no processo de formação, especialmente quando se trata da conciliação de papéis. Quando consegue êxito na formação, mesmo entrelaçando as demandas da maternidade com a universidade, é percebido como algo natural, digno de uma boa mãe. O que não ocorre é o debate de como ela concilia tais afazeres e os problemas enfrentados para obter triunfo. No trabalho feito por Regina Madalozzo e Merike Blofield (2017), as autoras vêm falar que as mulheres de classes mais pobres ficam inativas para o mercado de trabalho e enfrentando muitos desafios para se qualificarem devido a ter que se dedicar ao cuidado dos filhos, de casa, do trabalho doméstico que ficam sob suas responsabilidades.

A combinação entre maternidade e carreira é algo muito difícil para grande parte das mães e ainda tem o trabalho fora de casa. Conforme as mudanças nas universidades e abertura de cursos noturnos, fato que possibilitou mulheres que não tinham tempo durante o dia a voltar a estudar, mas existindo outro desafio para elas que era o de saber com quem deixar os filhos por que, mesmo sabendo que na universidade não é lugar de crianças, pouco se questiona sobre a demanda de creches dentro do campus para alunas ou servidoras que tenham filhos pequenos, isso seria um suporte para elas já que muitos não tem um companheiro para compartilhar o cuidado dos filhos e o doméstico e as que geralmente quando os parceiros participam

desse cuidado o dever da maternidade pesa mais sobre elas principalmente no período de gestação e amamentação.

De acordo com Menezes R. S. et al. 2012), quando se torna mãe a precisão de suspender os estudos por alguns períodos para se dedicar ao dever de mãe, sendo essencial para a sobrevivência e desenvolvimento do bebê, faz com que o ritmo da realização de atividades acadêmicas diminua quando ocorre o retorno, a mulher mantém-se lutando para finalizar seus estudos, isto é, quando há motivação para continuar. Com base nesta breve reflexão dos desafios de ser mãe no contexto acadêmico, provindo da vivência de mãe (do eu) é indispensável a discussão dessa temática na academia.

A pesquisa tem como metodologia a pesquisa exploratória, levantamento bibliográfico, e entrevistas com mulheres que são alunas e mães. As parceiras desta pesquisa serão seis mulheres, mães e discentes do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz. Esse processo de levantamento de dados se deu por meio da elaboração de um roteiro de entrevista com 10 perguntas, a entrevista pessoalmente só foi possível com apenas duas interlocutoras, outras duas estavam em cidades diferentes e o restante não conseguiu disponibilidade para se encontrar comigo devidos suas ocupações, essas eu mandava o questionário via WhatsApp e conforme sua disponibilidade iam respondendo por áudio, duas optaram pela escrita. Os relatos das entrevistas apontam para essa realidade sobre suas rotinas no dia-a-dia no cuidado dos filhos, da casa, dos estudos e trabalho evidenciam o papel da mãe como principal responsável por tais papéis com pouca participação do pai ou de outros familiares.

2. GÊNERO E MATERNIDADE

SCOTT (1995, p.21) afirma que o gênero é um componente característico das relações sociais fundamentado nas diferenças percebidas entre os sexos, esse é um modelo vital no que diz respeito dar significado as relações de poder.

A figura masculina era tida como superior, denominado como chefe de família e provedor do lar, era do homem o poder de decisões e o de comandar a vida de seus filhos e esposa. Para a mulher restava a subordinação do marido, dependência

financeira dele e o cuidado da casa e dos filhos, obrigações essas que eram esperadas pela sociedade que ela desempenhasse de forma solitária, sem ajuda de seus parceiros.

Por volta do século XVIII surgiu a divisão social do trabalho e da separação entre o público e privado, opiniões que foram fundamentadas na ideia de separar papéis femininos e masculinos por meio de análises científicas que argumentavam a distinção da capacidade biológica que cada sexo possuía. Para a mulher era designado o papel de reprodutora, era dela a responsabilidade solitária de criar, educar e cuidar do lar, colocada em uma posição definida como setor privado. Ao homem o produtor, biologicamente o ser mais forte, força prevista de trabalho necessária para ser usada fora de casa, no âmbito público.

Diante da obra de Simone de Beauvoir, “O segundo sexo” (1949) a maternidade passou a ser vista como uma construção social, ela caracteriza o lugar da mulher na sociedade, definia a mulher como “mãe zelosa”, e assim era mantida ocupada com afazeres domésticos e no cuidado dos filhos. Ao alocar a mulher nesta posição, o espaço público não fazia parte da vida das mulheres (SCAVONE, 2001). Com isso, durante muito tempo a maioria das mulheres não tinham espaço para participar da vida política por estar exercendo outros papéis, seu destino era somente à maternidade.

Durante muito tempo o destino feminino esteve vinculado à maternidade como se essa condição fosse algo determinado biologicamente e do qual a mulher não teria como fugir, logo essa deveria compreender as alterações funcionais de seu corpo nas diferentes fases da gestação, sem se descuidar da beleza e da sensualidade. Nesse sentido, a maternidade era significativamente representada a partir do discurso biológico e social da passividade presente no gênero culturalmente reconhecido como feminino (SANT ANNA, 1995; MARTINS, 2004, MARTIN, 2006).

E com isso, desde criança fora responsabilizada pela forma com que expõe socialmente seu corpo, a maneira com que se comporta e sua moral eram elementares para dirigir as atitudes de outras pessoas para com elas.

Do mesmo modo, o corpo feminino vinculado ao destino “natural” da maternidade colocou as mulheres em papéis sociais considerados inferiores aos alocados aos homens no processo cultural. Portanto, esses papéis femininos vinculados ao trabalho do cuidado foram determinados culturalmente pelo corpo biologicamente visto como

feminino- sendo o seu exemplo maior a maternidade. Essa vista socialmente como a condição mais próxima da natureza e mais distante da racionalidade presente no gênero masculino (ORTNER, 1979). O gênero feminino já cresce com a narrativa de que é dela o cuidado para com os outros e da casa, desde cedo são delegadas a aprender os afazeres domésticos e cuidados com os outros sejam eles irmãos, filhos, pais...

Sendo assim a maternidade uma construção simbólica imposta ao fator biológico que determinada como algo natural do ato sexual e da gravidez, naturalizando as crenças que conduzem os relacionamentos de gênero e dos valores atribuídos a cada sexo.

Sendo assim, a inclusão feminina no mercado de trabalho formal se deparou com várias objeções de gênero, sobretudo por um mercado que é simbolicamente e majoritariamente dominado pelos atributos de masculinidades.

É possível afirmar que um dos aspectos mais evidentes na transformação da maternidade foi o rompimento com seu determinismo biológico. É a partir deste momento que a maternidade deixou de ser um destino feminino para ser escolha.

Este fato abre espaço para inserção da mulher no mercado de trabalho e na educação básica e superior (ARAÚJO, Emília,2017).

Ao longo do longo vão se configurando novos modelos de maternidade, mães chefes de família, mães de produção independente, mães que trabalham e estudam fora, casais “igualitários”, e mães que por vontade própria se dedicam aos filhos e a da casa. Hoje, mesmo que a mulher seja incentivada a estudar, trabalhar, ter uma carreira e que seja independente ainda existe expectativas de que ela venha se tornar mãe. Seguir uma carreira profissional e realizar tais papéis designados socialmente faz com que acumulem inúmeros encargos. E se observa que a entrada de algumas mulheres no mercado de trabalho, além de um retorno financeiro, envolve um sentimento de realização pessoal, o que pode tornar ainda mais, conflituoso e difícil à opção de conciliar maternidade e carreira (BARBOSA e COUTINHO, 2007).

3.COMO SER MÃE E ESTUDANTE DURANTE O PERCURSO DE FORMAÇÃO

O Campus Centro da UFMA em Imperatriz-MA, oferece 5 cursos de graduação e dois cursos de mestrado, entre eles os de graduação está o curso de LCH/Sociologia que funciona no turno noturno e integra um quantitativo predominante de estudantes mulheres.

As estudantes que se tornam mães durante o percurso acadêmico, interrompido ou não, se deparam com desafios ligados a complexidade do espaço universitário e dos cuidados maternos que são fundamentais para seus filhos. É importante discutir sobre os obstáculos de uma forma que levante debates acadêmico-científico sobre o se “tornar mãe” no andamento do curso de licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, aproximando questões e tentando determinar uma relação entre o sujeito mãe que vive a maternidade e o sujeito discente em formação.

A universidade exige tempo e dedicação, mas para a discente mãe que precisa cuidar dos filhos, surge os dilemas em relação ao uso do tempo devido as tarefas inerentes à maternidade.

Contribuíram para esta pesquisa sete mulheres, Adriana Batista Silva Guerra, Ana Silvia Oliveira Marques, Lourença Aires Pétala, Milena Costa Barbosa, Polyana Almeida Frota, Maria (nome fictício) e Wikelyne Vieira Silva. Todas se identificaram como preta ou parda, entraram na Universidade entre os anos de 2014 e 2018, estão na faixa etária de idade de 23 a 39 anos, uma cursava sua segunda graduação e as outras fazia a primeira, cinco casadas, duas solteiras, uma teve duas gestações durante o percurso de formação. Elas relataram ser difíceis as situações de ser mãe e discente do início ao fim, por não ser planejada a gravidez acabou trazendo preocupações acerca de como será depois de ter filho, de como vai conseguir conciliar as tarefas, se vai conseguir concluir o curso. Nas falas, o descobrimento de uma gravidez não planejada vai muito além de mudanças físicas, traz um misto de sensações, medo, tristeza e preocupação.

As mulheres definem a maternidade como uma experiência genuína, algo bom, mas que traz consigo sentimentos de medo e desafios maiores.

Vejamos algumas respostas dadas quando perguntado como é a experiência de ser mãe.

É como se fosse uma um lançar-se no escuro. Eu fico pensando assim, é um lançar-se no escuro. A gente não sabe como vai ser e como a gente é estudante a gente fica se perguntando como que vai acontecer, como que a gente vai dar conta de ser mãe e de ser estudante ao mesmo tempo. Porque a tarefa de mãe ela exige muito da gente enquanto mãe e nos no primeiro assim nos primeiros meses ainda mais porque tem situações como por exemplo amamentar, cuidar do bebê, nutrir o bebê que depende exclusivamente da gente como mãe. Então o que aconteceu quando eu engravidei eu fiquei bastante preocupada engravidar a primeira vez porque eu não sabia como ia ser mãe e ser estudante né? Ser universitária. Então aconteceu que depois que eu me tornei mãe eu fechei o meu curso né? Porque eu não consegui conciliar a maternidade e eu tranquei o curso não consegui conciliar a maternidade e ser estudante. E pra mim era muito desafiador, era algo novo que eu não soube lidar no momento, né? Eu nem eu sequer conversei ainda tentei né? Conversar com a universidade e alguns professores sobre realização de tarefas em casa, como fazer, mas eu vi que eu não daria conta. Pensei, não vou dar conta, vou trancar tranquei por um ano o curso enquanto eu me adaptava a essa tarefa de ser mãe se eu decidia voltar pro mercado de trabalho e continuar estudando". (Polyana, informação verbal, junho de 2023).

E outras que dizem que:

Eu tinha um medo absurdo de ser mãe por causa do novo, eu achava que não iria conseguir casar minha vida pessoal, os meus projetos com a maternidade, não foi planejado, aconteceu né, eu não estava em um relacionamento estável, não estava em um emprego estável também, não tinha terminado a faculdade, então no começo foi bem caótico essa aceitação, e também no momento que eu morava sozinha em Imperatriz, então fazia todas as consultas sozinha, trabalhava e fazia as coisas da faculdade, esse período foi muito difícil, eu não tinha tempo para racionalizar o que era, eu estava muito focada em organizar as coisas para quando eu encontrasse, minha filha. Pra mim é uma experiencia diferente. Uma experiencia forte que envolve amor, doação. É uma experiencia forte, é bonito, mas também é devagar, é minucioso, tem dias que são bons, tem dias que são fáceis, tem dias que são difíceis, é uma experiencia diferente do que eu imaginava que seria." (Ana Silvia, informação verbal, junho 2023).

Experiencia difícil, pois não sabia de nada. (Milena, informação verbal, junho 2023).

Desafiadora, porém, gratificante. (Maria, informação verbal).

Existe muitas formas de se consumir a maternidade. A mulher que é cobrada pela sociedade a idade, os cuidados, as responsabilidades, o aprendizado, entre outros, sem levar em consideração todas as mudanças sociais que demandam suas vidas como mães. Rezende (2016) afirma que:

De todas as conquistas das mulheres, a maternidade é a decisão mais complexa a ser tomada por elas. Mesmo com as atuais mudanças de conceito e percepção sobre a maternidade, esse ainda é seu maior desafio. A mulher assumiu novas posições, transpôs barreiras morais e legais, mas gerar uma vida é uma função exclusivamente feminina (REZENDE, 2016, p. 11).

É como se seguisse a narrativa de que, você pode estudar, mas antes precisa executar com excelência as tarefas domésticas, cuidar com perfeição dos filhos, as que são casadas “cuidar” do marido, fazer comida, e só depois, se der, estudar, como se a existência da mulher fosse somente para exercer tais papéis e a graduação, a profissão, seja apenas um hobby sem importância nenhuma.

A sociedade pressiona as mulheres a partir de determinados padrões culturais que classificam o ser mulher e mãe. Com isso, a maternidade se transforma em um modelo de vida no qual não é levado em consideração os contextos nos quais elas estão inseridas.

A seguir, exibiremos algumas respostas dadas pelas entrevistadas acerca de suas rotinas, afim de que o leitor compreenda o dia-a-dia das estudantes.

Questão norteadora: Como é sua rotina diária? Inclua todas suas atividades durante o dia e nos fins de semana.

Acordo seis horas da manhã, arrumo criança pra ir para escola, antes de ir pro trabalho faço comida, às vezes eu estendo roupa antes de ir, aí eu levo a outra criança por que tenho dois filhos né, pra casa da babá, aí depois eu vou pro trabalho, onze horas eu vou para o almoço pego criança na escola levo pra casa a gente almoça, aí depois volto pro trabalho de novo, chego seis horas, chego, tomo banho deixo as crianças com o pai e vou pra universidade. Final de semana aí que a gente é escravizada mesmo, trabalha mais dentro do que fora a rotina é cuidar de casa, cuidar de menino, ajudar menino em atividades da escola, no final de semana a gente trabalha mais do que no meio de semana. As vezes a gente pensa em desistir por isso, porque é muito puxado, mas ao mesmo tempo a gente sabe que se parar o tempo vai passar da mesma forma né? E a gente continua pra ver se consegue algo melhor pra ter uma melhor vida né, com a família da gente em

questão financeira. (Lourença, informação verbal, junho 2023).

Quando ela fala que estuda para buscar melhorias financeiras para sua família, não quer dizer que a maternidade seja fácil de conciliar com os planos acadêmicos, mas sim que o motivo pelo qual persiste em estudar acaba superando os obstáculos que enfrenta.

Apesar das adversidades expostas é por uma situação profissional mais digna e melhores condições de acesso ao mercado de trabalho que essa estudante segue na continuidade do curso de graduação, em busca de um diploma que possa inseri-la no mercado de trabalho como profissional.

Então, faz-se necessário que a universidade repense o seu papel em relação às estudantes que se tornam mães no decorrer do percurso acadêmico, dado que, a luta dessas mulheres por seus direitos precisa ser acolhida e elaborada em conjunto.

Minha rotina diária é pesada, eu trabalho durante o dia todo, de segunda a sábado, eu levo os meus dois filhos para o trabalho, minha filha de 16 anos quando chega da escola vai pro meu trabalho ficar comigo e meu filho pequeno eu trabalho com ele, dentro do meu trabalho, eu ainda estudo, faço residência pedagógica, saio do meu trabalho as vezes durante a tarde e vou pra residência, depois pego meus filhos que ficam com meu esposo vou pra casa, chego em casa tenho que cuidar do pequeno, depois que ele dorme ainda vou estudar e minha rotina diária são mais ou menos isso. (Adriana, informação verbal, junho de 2023).

Além do querer é necessário que a mulher tenha muito preparo psicológico e físico para conseguir se desdobrar e cumprir todas as atividades conferida a elas. No caso da Adriana que não conta com rede de apoio e leva os filhos para o trabalho, trabalha e é responsável por seu filho no seu local de trabalho, dobrando seus afazeres.

Minha rotina diária com ela é muito parecida todos os dias né? Acordo é dou a pra ela, dou banho nela e aí faço os afazeres mamadeira doméstico em casa. Vai passando os meses a gente tem que conciliar maternidade com trabalho, a gente ainda tem que trabalhar fora, chega em casa ainda tem que trabalhar na nossa casa, então é assim uma situação extremamente cansativa e eu acho que é um peso muito grande para nos mulheres né, pois isso cada vez mais conforme o passar dos anos a gente vê as mulheres apenas com um filho, com nenhum filho, mulheres que dizem que não querem ter filhos por que realmente, nos dias atuais a mulher tem que dar conta de muita coisa, tem que trabalhar, tem que estudar e ainda tem que ser bonita, então fica uma pressão muito grande em cima de nós mulheres (Wilkeline, informação verbal, junho 2023).

A universidade ao abrir "a caixa preta" sobre a diversidade do público que atualmente é atendido por ela escancara as desigualdades que as mulheres vivenciam a partir da dupla jornada. Mesmo que a taxa de fertilidade tenha baixado nas últimas décadas entre as brasileiras, ainda há mulheres que decidem pela maternidade, além daquelas que engravidam sem planejar. Serão essas as mais penalizadas quando decidem se qualificar? (BITENCOURT, 2017, p. 7).

Segundo a autora, não tem como continuar permitindo que as mulheres que são mães se prejudiquem ao procurar uma titulação na universidade por não ter reconhecimento de suas demandas. Percebemos que essa dedicação necessita ser coletiva, dado que, o dever da instituição é refletir acerca do que se entende sobre a maternidade de suas estudantes, sobretudo, pela parte dos/das docentes.

Observamos nessa fala que a rotina é muito parecida todos os dias, as obrigações são as mesmas todo dia, não é algo que pode ser deixado pra depois, é coisas que precisam ser feitas todos os dias, que a rotina é cansativa.

Passei por um período e que na minha casa morava eu, meu esposo, a minha mãe que estava com um quadro de depressão, o meu pai que era idoso e acamado, que dependia do meu cuidado, meu irmão que era adolescente e eu grávida do segundo filho. (Polyana, informação verbal, junho de 2023).

A fala da Pollyana relata que quando engravidou do segundo filho, além das atividades domésticas, do filho pequeno, da gravidez, teve que encarregar-se do cuidado com o pai acamado, da mãe com quadro de depressão e do irmão. Isso nos faz refletir sobre o quanto as mulheres são sobrecarregadas com encargos destinados a elas, o que implica coincidentemente em suas rotinas. O cuidado dos familiares também precisa ser considerado ao enxergarmos as adversidades que envolvem as mães universitárias, levando em consideração esses cuidados também são condições que fazem parte do dia-a-dia das estudantes e que podem ter influência na sua vida acadêmica.

É preciso considerar que a situação dos familiares que necessitam de atenção, maternidade ou até mesmo as numerosas jornadas de trabalho das estudantes, são resultados da falta de políticas públicas com recorte de gênero nas elaborações políticas.

Torna-se mãe durante a formação acadêmica gera consequências e desafios e um deles é a conciliação de papéis, visto que, é necessário associar o tempo com os estudos, com filhos(as) e os demais afazeres.

Vejamos algumas repostas dadas pelas interlocutoras desta pesquisa com relação a conciliação de papéis.

Questão norteadora: Como você concilia as atividades da universidade com a maternidade? Descreva.

Quando eu não estou cuidando dela, estou cuidando do afazeres domésticos, aí tem a questão do sono porque as vezes a gente passa a noite acordada, mas aí quando sobra um tempo é onde eu vou fazer minhas atividades, já bastante cansada, mas a gente se esforça para não se prejudicar na universidade. (Wilkeline, informação verbal, junho 2023).

É importante entender como essas estudantes se desdobram para dar conta de tudo. Estudar demanda tempo, a rotina delas como observado é difícil e cansativa, é pesada, causa desgaste físico.

O que aconteceu quando eu engravidei eu fiquei bastante preocupada engravidar a primeira vez porque eu não sabia como ia ser mãe e ser estudante né? Ser universitária. Então, aconteceu que depois que eu me tornei mãe eu fechei o meu curso né? Porque eu não consegui conciliar a maternidade e eu tranquei o curso não consegui conciliar a maternidade ser estudante. (Polyana, informação verbal, junho de 2023).

Algumas mulheres acabam tendo a necessidade de trancar o curso por não conseguir conciliar tantos afazeres, porque estudar demanda tempo e concentração, como é mãe de primeira viagem acaba tendo que abrir mão de da formação pra se dedicar a gravidez e logo, o cuidar do bebe, é algo novo e a mulher se limita de muitas coisas.

Eu tenho tempo pra estudar quando ela dorme a noite, quando não estou muito cansada, as vezes dependendo da demanda eu vou improvisando e colocando entre as sonecas, as minhas atividades da faculdade que eu tenho que entregar. (Ana Silvia, informação verbal, junho de 2023).

Inicialmente enquanto minha bebê estava no primeiro ano optei por trancar o curso ... mais depois que retornei sempre fazia as atividades enquanto ela dormia. (Maria, informação escrita, junho de 2023).

O tempo que elas separam para estudar é quando o filho dorme, mesmo estafada da rotina, não é que esse seja o melhor momento é que na verdade elas só tem esse momento.

Não é fácil para todos que entram na universidade e você sendo mãe ainda é mais difícil ainda porque você tem que conciliar casa e às vezes você trabalha, a maioria dos alunos têm essa correria de trabalho e estudo não é fácil e aí você conciliar tudo isso sendo funcionário sendo esposa sendo dona de casa sendo mãe não é fácil mas a gente sabe que mulher né é guerreira e não desiste e sabe fazer mil e uma utilidades Mulher guerreira mulher ela dá conta de várias atividades ao mesmo tempo, por isso que ela consegue conciliar todas as essas atividades mencionadas. (Lourença, informação verbal, junho de 20223).

Nessa última fala observamos a romantização das numerosas tarefas, a mulher é sim guerreira, competente, “desenrolada”, mas antes, é um ser humano que sente desgaste, que sente cansaço, que sente dor, que também precisa de cuidado e não deve ser responsável por cuidar de tudo e de todos sozinha.

É como diz Bell Hooks, tem que roubar um tempo pra fazer a sua demanda acadêmica, ler aquele texto que você precisa, ler fazer aquela atividade que você precisa fazer. Nem estou incluindo o momento em que os filhos ficam doente por que quando ficam doentes é totalmente impossível se concentrar ou colocar as atividades acadêmicas em primeiro plano né, as atividades acadêmicas ficam sempre ali pelo segundo, terceiro, quarto plano porque o primeiro é o filho é ver o filho bem, é ver o filho alimentado, é ver o filho sem febre, é ver o filho curado, às vezes não tem ninguém que deu remédio naquela hora, as pessoas não sabe como filho gosto de tomar o remédio, é coisa que sua mãe consegue pensar em fazer. (Pollyana, informação verbal, junho de 2023).

Ness registro vemos que em muitos momentos não dar pra transferir tarefas ao pai, babar ou cuidador do teu filho e o emocional fala mais alto, claro.

A minha rede de apoio no meu resguardo a minha mãe veio que ela mora em Goiânia ela veio pra cá pra ficar comigo no hospital e aqui em casa ela passou um mês aí durante o dia assim eu não tenho muita rede de apoio não só fica eu e minha nenenzinha. Então eu que tenho que fazer meu almoço, eu que tenho que fazer as coisas domésticas de dentro de casa, cuidar dela. Aí minha irmã só chega à noite em casa, já chega bastante cansada também aí às vezes ela segura ela pra eu tomar um banho rapidinho, entendeu? Aí minha rede de apoio é basicamente essa. (Wilkeline, informação verbal, junho de 2023).

Tenho rede de apoio em primeiro meu esposo né, que me ajuda muito mesmo com as limitações dele, mas ele contribui muito e tem uma baba que que cuida também do meu filho, ela me ajuda muito também. (Lourença, informação verbal, junho de 20223).

Nessas falas o pai da criança aparece como rede de apoio, mas na verdade pai não é rede de apoio, eles também têm responsabilidade para com a criança e precisa exercer sua função, cuidar do filho não é favor e nem tá lhe ajudando, está fazendo sua obrigação.

Enquanto a paternidade é um lugar de força a maternidade é sempre lugar de fraqueza, um pai ele é sempre forte ele é sempre provedor se ele deixa de fazer o que deveria fazer ele é sempre sensato ele amoroso uma mãe que faz todas essas coisas ela só ama mãe e ser uma mãe é uma fraqueza. (Ana Silvia, informação verbal, junho de 2023).

Por exemplo: o espaço doméstico, a maternidade e as práticas afetivas de cuidado permanecem comumente associados às mulheres e ao feminino, enquanto ao homem e ao masculino as expectativas vão em direção oposta, remetendo ao domínio do espaço público e a um modo de cuidar pragmático, relacionado ao provimento e ordenamento da família por meio de atuação no meio externo (Bossardi et al., 2013; Miller, 2011; Toneli, 2011). E com isso o pai acaba sendo dispensado do cuidado com o filho e dos afazeres de casa. Pai não tem que ser dispensados de tais coisas porque é homem e homem não sabe fazer as coisas que foram destinadas as mulheres, mulher não nasceu sabendo, mas em algum momento da vida ela teve que aprender.

As mulheres precisam usufruir de seus direitos de pessoas, de cidadãs e não somente da “dona de casa” e mãe, estudar e ter um diploma.

A seguir analisamos algumas respostas dadas pelas entrevistadas a serem questionadas sobre o que a universidade deveria ter para melhorar a entrada e permanência de mães nos cursos de graduação.

Eu por exemplo não consigo me imaginar hoje não sei como me imaginaria levando minha filha, por exemplo para aula isso pode me atrapalhar de certa forma mas por que não tem um espaço para que minha filha conviva junto comigo, nas comunidades mais antigas os filhos, as crianças estavam em todos os lugares, em todos os espaços de aprendizagem, todos os espaços de trabalho as crianças estão mas agora não as crianças no campo privado, e talvez se a gente pensasse por esse lado para o lado de que crianças são indivíduos são pessoas e parte da comunidade então se todos os locais onde as mães pudessem estar os filhos também pudessem estar as crianças também pudessem a gente tá, óbvio que tem alguns lugares que não é saudável ou que também não seja até confortável para mãe né não que agora o filho é uma coisa que a mulher leva para todo lugar mas é uma parte de

cima mas se eu tivesse essa nova reformulação de pensamento talvez os outros pudessem também nos acolher se a gente sai com acho que tu como mãe sabe né tu e ela, ninguém vai dar um colo, ninguém vai carregar tua bolsa, vai sentar com a filha ninguém vai conversar com a tua filha, pouco ou nada eles vão te ajudar, então, seu filho seu problema. Se a gente não voltar para o início em que o filho, a criança é da comunidade é parte da comunidade e é problema de todos, talvez seja cada dia mais difícil talvez seja essa sempre haja essa necessidade de você escolher ou ser profissional ou ser mãe ou você tem uma carreira ou você é mãe enquanto homens continua escolhendo ser pai sonhando em ser pais porque tem uma família, ter filhos para homem é como uma coroa, uma medalha eu tenho filhos tem uma família para e para mulher sempre mais um peso do que você tem que carregar, então eu acho que não há uma política, não posso pensar política pública que possa sei lá, aliviar isso né porque não é um problema de dinheiro um problema de qualquer outra coisa porque todas as mães independente da condição financeira elas vão passar pela mesma coisa que é o fato de serem excluídas de muita coisa e tipo uma construção de si próprio profissional com outra pessoa porque escolheu aceitou ser mãe. (Ana Silvia, informação verbal, junho de 2023).

Diz respeito a construção social das funções destinadas as mulheres, de como elas são excluídas, e realmente, muitas vezes são questionadas o porquê de não sair de casa com a criança, muitas vezes opta por não ir por esta sempre cansada e sobrecarregada e sair vai deixa-la mais cansada, ninguém ajuda e muitas vezes a ignorância grita: quem pariu mantenha e balance.

Disponibilidade acessível dos cursos, como um método de ensino a distância para disciplinas complexas, ou métodos que auxilió no ensino aprendizado. (Milena, informação escrita, junho de 2023).

Nessa outra opinião é dito sobre a disponibilidade acessível dos cursos, por exemplo a universidade oferece um auxílio creche para as mais que se encontram em situações de vulnerabilidade social, mas o curso é a noite não tem creche no período noturno e as vezes é difícil terceirizar uma pessoa pra cuidar do filho, outra coisa sobre as disciplinas remotas para a estudante conseguir fazer de acordo com sua disponibilidade.

eu acredito que como tem aquele auxílio né geralmente estudam elas estudam dentro elas estudam à noite e essa creche ela tinha que ser à noite para as mães que trabalham e levar seus filhos lá né tem essa rede de apoio que seja que durante o dia que estuda durante o dia são pessoas que não trabalham às vezes tem uma rede de apoio né que são os cursos esse apoio eu acho que tem que ter essa creche dentro

da universidade para as mães que trabalham, seria um projeto interessante. (Adriana, informação verbal, junho de 2023).

Como exemplo já citado, mães que trabalham durante o dia e estudam no período noturno, enfrentam dificuldades no que diz respeito a saber com quem ou onde irá deixar seu filho, creche dentro da universidade melhoraria e muita coisa na vida das estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo ao finalizar essa escrita entendemos que o ser mãe envolve muitas coisas, a questão da desigualdade de gênero, a construção social de que a responsabilidade é só da mãe, o patriarcado, do quanto a conciliação de papéis a mulher pra conseguir concluir formar é doloroso porque precisa enfrentar cansaço extremo noites e noites sem dormir abre mão da vida social em busca do seu objetivo, sua formação.

Somos esposas, mães, domésticas, cuidadores estudantes, é importante desconstruirmos a ideia de que tudo é responsabilidade só nossa.

Entendemos que a construção social sobre a maternidade faz com que as mulheres sejam a todo tempo sobrecarregadas ainda mais quando se tem que agregar estudo.

As atividades domésticas, por exemplo, são vistas como obrigação e ser estudante não, então por muitas vezes acabam desistindo do diploma pra poder se dedicar a casa, ao marido e aos filhos. Pode sim estudar, mas antes, já limpou a casa? Já preparou a refeição? já alimentou os filhos? já deu banho? O corpo social coloca isso como se fosse, de certa forma uma permissão pra estudar, pode estudar, mas tem que deixar tudo pronto, as que trabalham fora precisam se virar para dar conta de tudo. Assim mulheres que precisam estudar e cuidar dos filhos acabam sendo exemplo daquilo que Bell Hooks (p. 467), chamou de *tempo roubado* ao se referir a necessidade que as mulheres pretas, educadas para o trabalho do cuidado e não para a formação intelectual, precisam fazer para ler e escrever.

Os resultados apontam que as dificuldades enfrentadas pelas discentes que se tornam mães durante o curso de graduação são muitos, desde aqueles relacionados à

família e familiares até a falta de estrutura das universidades para acolher mães estudantes. Sobrecarga de trabalho, falta de tempo, falta de apoio da família, não responsabilização dos pais, carência financeira, medos, inseguranças, sentimento de culpa são alguns dos desafios apontados pelas interlocutoras como questões que precisam ser enfrentados. Quando esses desafios se tornam maiores que as mulheres, abandonar ou trancar o curso aparece como única opção, já que não podemos abandonar os filhos e nem a condição de mulher.

Muitas vezes quando as pessoas veem uma mulher grávida dizem: tadinha acabou com a vida, porque para a sociedade a mulher vai ser só uma mãe e ponto, você vai ser mãe esqueci do trabalho, esquece do estudo e vai cuidar do teu filho.

A verdade é que somos todo tempo excluídas e limitadas como dizia Simone de Beauvoir: Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Emília. Prefácio. In: BITENCOURT, S. M. Maternidade e carreira: reflexões de acadêmicas na fase de doutorado. Jundiaí: Paco, 2013.
- BARBOSA, Patrícia Zulato. COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. Revista de psicologia clínica. V. 19. N. 1. 2007. pp 163-185.
- BELTRÃO, K. I., ALVES, J. E. D. A Reversão do Hiato de Gênero na Educação Brasileira no Século XX. Cadernos de Pesquisa, v.39, n.136, p.125-156, jan./abr. 2009.
- BITENCOURT, M. Silvana. MATERNIDADE E UNIVERSIDADE: DESAFIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA IGUALDADE DE GÊNERO.
- BITENCOURT, M. Silvana. MATERNIDADE E UNIVERSIDADE: DESAFIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA IGUALDADE DE GÊNERO. Caxambu, 23 a27 de outubro de 2017.
- BOSSARDI, C. N. et al. Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. Psicologia Argumento, Curitiba, v. 31, n. 73, p. 237-246, 2013.
- HOOKS, bell. Intelectuais Negras. p 467. Disponível em: (tem que colocar em ordem alfabética).
- MALDALOZZO, Regina; BLOFIELD, Merike. Como famílias de baixa renda em São Paulo conciliam trabalho e família? Estudos Feministas, Florianópolis, 25(1): 422, janeiro-abril/2017.
- MARTIN, Emily. A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. Gênero, Ciência e Cultura. In: Visões do Feminino: A medicina da Mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2004. p. 21-61.
- MILLER, T. Falling back into gender? Men's narratives and practices around first-time fatherhood. Sociology, Thousand Oaks, v. 45, n. 6, 1094-1109, 2011.
- ORTNER, S.B. Está a Mulher para o Homem assim como a Natureza para a Cultura? En: Rosaldo MZ, Lamphere L. (orgs.). A Mulher, a Cultura, a Sociedade. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

ORTNER, S.B. Está a Mulher para o Homem assim como a Natureza para a Cultura? En: Rosaldo MZ, Lamphere L. (orgs.). A Mulher, a Cultura, a Sociedade. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

REZENDE, G CV. Fatores que influenciam as mulheres a maternidade: construto biopsicossocial ou escolha ética? 4º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2016.

SANT' ANNA, Denise B. Políticas do corpo, elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. Cadernos Pagu. V. 16. 2001. pp.137-150.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1990.

TONELI, M. J. Paternidades e políticas de saúde no contexto da gravidez na adolescência. In: TONELI, M. J. et al. O pai está esperando? Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência. Florianópolis: Mulheres, 2011. p. 11-23.

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Nome completo (pode usar fictícios se elas não quiserem ser identificadas) Idade:

Cor:

Grau de instrução:

Qual ano que entrou na universidade?

Estado civil: N.

de filhos:

- 1) Quando você se tornou mãe?**
- 2) Como foi/é essa experiência?**
- 3) Na sua residência moram quantas pessoas?**
- 4) Como é sua rotina diária? Inclua todas suas atividades durante o dia e nos finais de semana.**
- 5) Como você concilia as atividades da universidade com a maternidade? Descreva.**
- 6) Você tem algum tipo de rede de apoio?**
- 7) As obrigações da maternidade já te fizeram pensar em desistir do curso? Descreva.**
- 8) Você já viveu alguma experiência na universidade em que sua maternidade tenha sido questionada? Por exemplo, algum tipo de discriminação. Se sim, descreva.**
- 9) O que você acha que a universidade deveria ter para melhorar a entrada e permanência de mães nos cursos de graduação?**
- 10) O que mais você gostaria de falar sobre essa questão?**